

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/fragmentos-da-torre-poesia-em-traducao/>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by Asa da Palavra. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

AMAL EL-MOHTAR (1984 -)

por Andrey Marcos Garcia
e por Gabriel Ribeiro

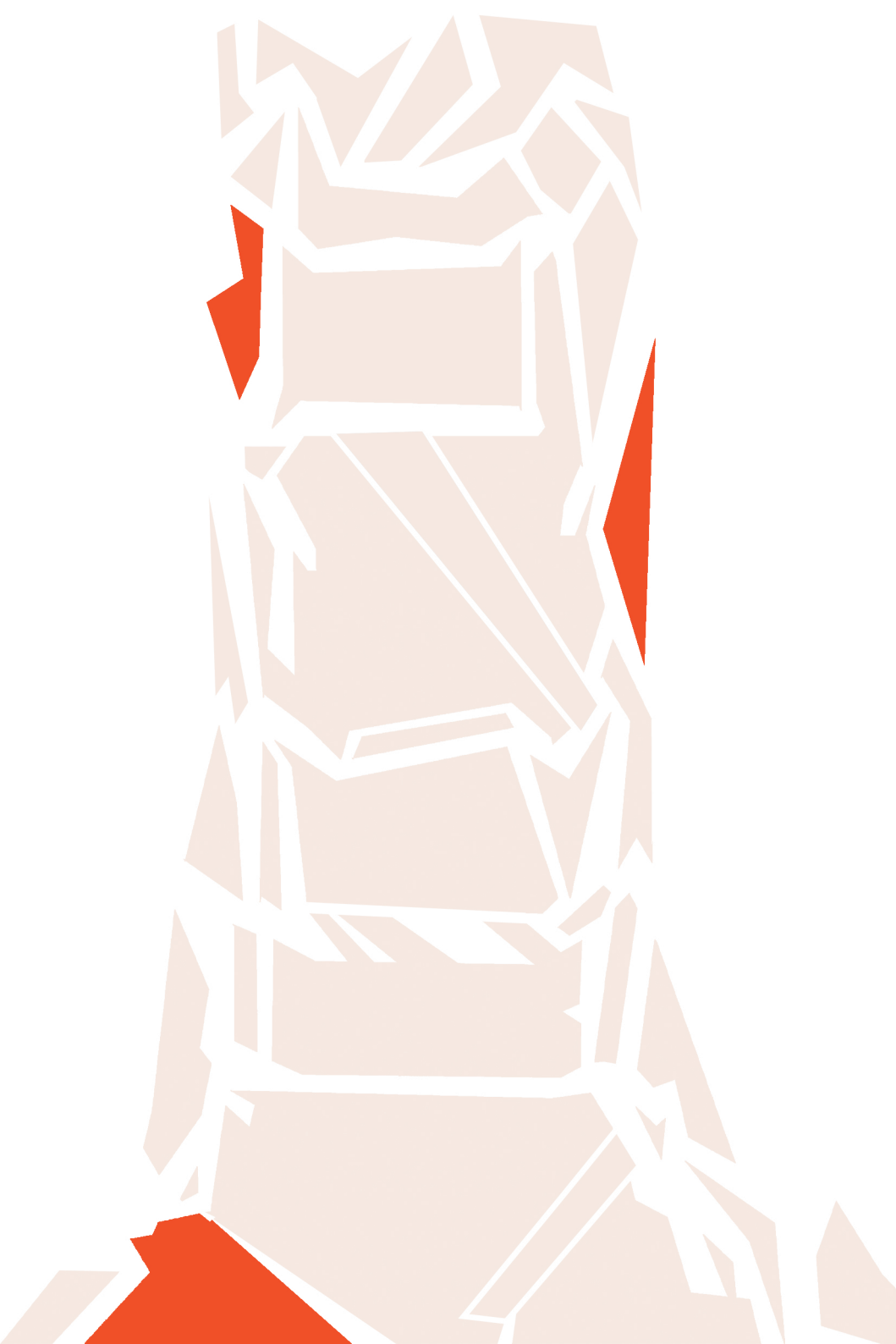
Amal El-Mohtar é uma autora e poeta líbano-canadense, nascida em 13 de dezembro de 1984, em Ottawa, Canadá. É autora de contos e poemas vencedores de prêmios internacionais de literatura, como os prêmios *Hugo*, *Nebula* e *Rhysling* (todos relacionados à ficção científica). Trabalhou com a escrita criativa na Universidade de Ottawa e é editora da revista de fantasia *Goblin Fruit*, além de colunista de ficção científica no jornal *New York Times* desde 2018.

Suas principais obras são *The honey month* (livro de 2010 com 28 poemas sobre diferentes tipos de mel) e *This is how you lose the time war* (de 2020, novela de ficção científica co-escrita com

Max Gladstone, que reúne boa parte de seus temas preferidos: ficção científica, fantasia de mundos revolucionários e romances entre mulheres). São também conhecidos do público poemas como “Song for an ancient city” e “Turning the leaves”, ambos contendo mulheres de corpos transformados em algo maior do que seres humanos (uma cidade e as estações do ano, respectivamente).

Comumente associada ao movimento da ficção especulativa, a autora se destaca ao unir em suas obras elementos da fantasia e da ficção científica a fim de tecer histórias com criaturas extraordinárias ou mitologias esquecidas. Nelas, explora a relação dos homens com a natureza, destacando impactos da ação humana que incidem na própria definição do que é o humano.

Escrevendo em prosa e verso, El-Mothar transita por diferentes formas da poesia, da ficção e da fantasia, produzindo desde contos poéticos até poemas especulativos, que exploram os mais diversos temas relacionados à fragilidade da definição de humanidade e aos impactos negativos do capitalismo, também fazendo uso de elementos míticos e de contos de fadas. Inspirada pelas reflexões sobre o pós-humanismo, constrói mundos e personagens meio humanos, meio naturais, dando espaço a outras maneiras de existir no mundo – social e individualmente.



DAY 5 - Cranberry creamed honey²

Amal El-Mohtar

Colour: Dark amber, cognac. Funny to me how I have such boozy associations, but they are apt.

Smell: There's a sharpness, a resinousness to this. It's also very liquidy.

Taste: A definite cranberry tartness, but the honey taste dominates; the tartness limns it, darts around its edges, makes it one of the more refreshing honeys I've tried. I think of pine, strangely, redwood; tasting it is like walking a forest path.

There is fire in his wrists, fire in his sharp-shod walk, fire beneath his fingernails. He is red, redder than rowan berries, for rowan doesn't bleed as cranberries do, and it is cranberries that he gathers, that he stews and crushes, cranberries in which he steeps his skin. Lacking a Mithrasian bull, he takes them, bathes in them, rinses his hair red-black, seeking transcendence.

It is not white, he says, that is pure. It is not black. It is red, because it moves, it changes, and it keeps itself always. It is not static as fossilized wood, not delicate as new-fallen snow. When red seeks to be its truest self, it is in motion. It fears no change.

He has shrugged at Paracelsus, at Tarot cards, at accusations of devilry. Red is his religion. He squeezes berry juice onto his eyelids, swallows it nine times a

DIA 5 - Mel cremoso de airela

Trad. Andrey Marcos Garcia

Cor: Âmbar escuro, conhaque. Engraçado como faço tais associações ébrias, mas elas são adequadas.

Cheiro: Tem uma intensidade, um quê de resina. Também é bem líquido.

Gosto: Com certeza uma acidez de airela, mas o gosto de mel domina; a acidez o realça, corre por suas arestas, faz dele um dos méis mais refrescantes que já experimentei. Penso em pinheiro, estranhamente, sequoia; prová-lo é como caminhar por uma trilha na floresta.

Há fogo em seus pulsos, fogo em seu andar afiado, fogo debaixo de suas unhas. Ele é vermelho, mais vermelho que bagas de tramazeira, pois tramazeira não sangra como airelas e são airelas o que ele colhe, que cozinha e esmaga, airelas em que mergulha sua pele. Na falta de um touro de Mitra, ele as toma, banha-se nelas, enxágua seus cabelos preto-vermelho, buscando transcendência.

Não é o branco, ele diz, que é puro. Não é o preto. É o vermelho, porque se move, muda e se mantém o mesmo sempre. Não é estático como madeira fossilizada, não é delicado como neve recém caída. Quando o vermelho busca ser o seu eu mais verdadeiro, é em movimento. Não teme nenhuma mudança.

Ele desdenhou de Paracelso, de cartas de Tarô, de

day, thrice at each meal. He wants the redness to spill from him like a scent, that in walking the forest paths the sleeping deer and wolves and rabbits will come to dream in garnet tones, will tremble and flush at the thought of pursuit, the game of the chase.

The bees dream red when he passes.

When they wake, their queen begins to wail. She needs it, she says, that red of reds that walks the woods like a shadow. The bees are dutiful, and go.

They find him, but do not know how to scrape the redness from him, cannot brush it against their bodies, cannot gather it like pollen. In vain they stamp his cranberry cheeks, in vain they buzz his cranberry ears. They cannot take a piece of him back to the hive.

Meantime he is beset by a phalanx of black-ribbed gold, drowns in the drone of their discontent. He swats at them, rages at them, gathers stings against the back of his hand, the curve of his elbow. What are these that come to gild his redness, limn his red thoughts with their bright noise? What are these that dare change his red shadow's shape, settling and rising like clouds at sea?

They madden him. They do not mean to. They hardly know that they are pushing him, driving him, herding the redness of him homeward.

Enough, says the queen, while he weeps in great red sobs. Enough, that is enough. She does not need to leave her childbed to imbibe him, only needs him to stay in the comb of her children's bodies, stay and share his colour with her. He cannot but comply.

She dreams, and her workers pour red into their gold, raise larvae with rust-red bodies, make honey heady as the setting sun. They weave it into their songs and

acusações de diabrura. Vermelho é sua religião. Ele espreme suco silvestre em suas pálpebras, o engole nove vezes ao dia, três em cada refeição. Ele quer que a vermelhidão derrame de si como um odor, que ao andar nas trilhas da floresta os sonolentos cervos, lobos e coelhos venham sonhar em tons de rubi, tremam e corem ao considerar perseguição, o jogo da caça.

As abelhas sonham vermelho quando ele passa.

Quando elas despertam, a rainha começa a berrar. Ela precisa dele, diz, daquele vermelho dos vermelhos que caminha pelo bosque como uma sombra. As abelhas são obedientes e vão.

Elas o encontram, mas não sabem como raspar sua vermelhidão, não a conseguem esfregar contra seus corpos, não conseguem coletá-la como pólen. Em vão elas carimbam suas bochechas de airela, em vão elas zumbem em suas orelhas de airela. Elas não conseguem levar um pedaço dele para a colmeia.

Enquanto isso, ele é assediado por uma falange dourada, listrada de preto, e se afoga no rumor de descontentamentos. Ele as espanta, enfurece-se com elas, coleta ferroadas nas costas da mão, na dobra do cotovelo. Quem são essas que veem dourar sua vermelhidão, realçar seus pensamentos vermelhos com barulho vibrante? Quem são essas que ousam mudar sua forma de sombra vermelha, precipitando e ascendendo como nuvens no mar?

Elas o enlouquecem. Elas não têm essa intenção. Elas mal sabem que o estão empurrando, levando, conduzindo sua vermelhidão para casa. Basta, diz a rainha, enquanto ele choraminga em grandes soluços vermelhos. Basta, já chega. Ela não precisa abandonar seu leito para consumi-lo, só precisa que ele fique no

dance its colour into the air they breathe. There is an orange to them, an amber, now – never quite red, for it is not the cranberry they love, but the shaping of their gold, the change, the sharpened edges to their queen's dreams.

He is in all they do, their most precious drone; they love him like a fine day. They look after him in their fashion. The bees go out, burrow into their sisters' bodies, sing their gladdest thanks against his lips. They go bearing their darkest honey, the densest, the best, the closest to the red they can never quite achieve, the redness that is his, only his. One by one, they place a drop on his tongue like a sacrament.

It is never red enough.

favo do corpo de suas filhas, que fique e compartilhe sua cor com ela. Ele só pode acatar.

Ela sonha, e suas trabalhadoras derramam o vermelho no dourado delas, criam larvas com corpos vermelho-ferrugem, fazem mel inebriante como o sol poente. Elas o tecem em suas canções e dançam sua cor no ar que respiram. Tem algo de laranja nelas, um âmbar, agora – nunca exatamente vermelho, pois não é a airela que amam, mas o formato de seu ouro, a mudança, as arestas afiadas dos sonhos de sua rainha.

Ele está em tudo o que fazem, seu rumor mais precioso; elas o amam como um belo dia. Elas cuidam dele à sua maneira. As abelhas saem, escondem-se nos corpos de suas irmãs, cantam seus mais alegres agradecimentos contra os lábios dele. Vão carregando seu mel mais escuro, o mais denso, o melhor, o mais próximo do vermelho que elas nunca conseguem alcançar com precisão, a vermelhidão que é dele, só dele. Uma a uma, elas deixam uma gota em sua língua como um sacramento.

Nunca é vermelho o suficiente.

Turning the leaves³

Amal El-Mohtar

These are the days of silver, and of gold —
the panting cold, the burst of bright on black
as coins sprout from trees, shiver, fall,
pave the streets with change.
Strange is the turn and tilt of day,
when stray, streaming, fingerling light
gleams slant against the eyes — the scold
of crows, magpies, jackdaws, gulls,
shouting the season in.

We count our birds. We read their wings. We script
 [stories in the scrim of puddled ice, tell tales
to ease the winter in. We sing

we had a lady, tall and fair
who spun the springing wheel for us,
who quenched our summer thirsts, who sank
her hands into the humid loam
and turned the understory. We had
a lady, warm and wise,
who bore us in her brimming arms,
who fed us all the very best
of fruit and root and flowered stem,
and if her blessing falls on us
we'll have her like again.

Virando as folhas

Trad. Gabriel Ribeiro

Esses são os dias da prata e do ouro —
o frio ofegante, a explosão de brilho no escuro
como moedas que brotam nas árvores, estremecem,
 [caem,
pavimentam as ruas com mudança.
Estranho é o virar e enviesar do dia,
quando uma luz vagante, fluída, alevina
cintila inclinada contra os olhos — as broncas
dos corvos, das pegas, das gralhas, das gaivotas
anunciando a estação.

Contamos nossas aves. Lemos suas asas. Escrevemos
 [histórias no véu do gelo empoçado,
 [contamos contos
para amenizar a vinda do inverno. Cantamos

havia uma senhora, alta e bela
que girava a roda ascendente para nós,
que saciava nossas sedes estivais, que mergulhava
as mãos na terra úmida
e revirava o sub-bosque. Havia
uma senhora, carinhosa e sábia,
que nos carregava em braços plenos,
que nos alimentava das melhores
frutas e raízes e caules floridos,
e caso sua benção recaia sobre nós
a teremos outra vez mais.

The wind is thin and grey, the sky
a half-drunk seeming — the gold will pale,
the silver streak and circuit into frost, the air
will spindle into needles —
but if her blessing falls on us,
we'll have her like again.

O vento é fino e cinza, o céu
parece meio bêbado — o ouro desbotará,
a prata será marcada, circulada em gelo, o ar
se afilará como agulhas —
mas caso sua benção recaia sobre nós
a teremos outra vez mais.